



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO	29.NOV.1979	POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUCALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

Editorial

A meu pedido, fui recebido, nos últimos dias, pelos três principais «leaders» da vida política portuguesa. Na segunda-feira, o dr. Sá Carneiro recebeu-me na sede do seu partido; horas depois, o prof. Freitas do Amaral recebeu-me na sua residência da Alameda das Linhas de Torres; na terça-feira, o dr. Mário Soares recebeu-me no edifício do PS no Largo do Rato. Estes encontros, a menos de três dias da realização das eleições gerais intercalares, permitiram-me auscultar o estado de espírito de cada um deles e avaliar o seu grau de confiança. O que mais me impressionou foi a dignidade política de que cada um deu provas. Nenhum fez um só comentário agressivo contra outro. Verifiquei, com grande satisfação, que os três homens estão conscientes da força de cada um deles, e que os três se respeitam mutuamente.

Freitas do Amaral e Sá Carneiro apreciaram o facto de Mário Soares, durante a campanha, nunca os ter criticado pessoalmente. Mário Soares fez-me notar que nunca foi atacado pessoalmente por Freitas do Amaral e Sá Carneiro.

As eleições de domingo próximo serão emocionantes. A vitória da Aliança ou do Partido Socialista há-de dar-se por uma pequena margem. É de admitir que a Aliança Democrática vença com uns 46% e que o Partido Socialista não vá além de 27% dos votos expressos. Os comunistas, ao contrário do que se temia, não deverão ir além de 16%. Nestes termos não haverá, na segunda-feira, qualquer partido ou coligação com mais de 50% dos votos expressos, a menos que se verifique uma surpresa.

É certo que a Aliança Democrática, se alcançar os 46%, terá maioria de deputados na Assembleia da República e será chamada a formar Governo. Mas o Partido Socialista não deixará, neste caso, de ser o segundo maior partido português e, portanto, o representante legítimo da Oposição. Há, pois, que admitir desde já a concretização da tese que sempre defendemos nestas colunas, segundo a qual a democracia portuguesa deverá viver de uma bipolarização entre uma coligação de centro e um partido social-democrata.

Apesar de ataques destemperados e despropositados de candidatos do PS à Aliança Democrática, acusando-a de ser um refúgio da direita, de reunir fascistas e outros perigosos seres ideológicos, a linguagem do Partido Socialista foi mais moderada este ano do que anteriormente. Parece inequívoco que o Partido Comunista perdeu de vez a possibilidade de formar uma aliança com o Partido Socialista. Os votos úteis portugueses são, pois, os que se dirigem à Aliança Democrática e ao Partido Socialista. Todos os outros votos serão perfeitamente inúteis.

As sondagens que se conhecem — «Tempo» conhece a sua própria sondagem e, ainda, a sondagem feita por meio de uma entidade espanhola — indicam que haverá uma percentagem mínima de abstenções. Mas, ao contrário, referem ainda 30% de indecisos e são estes que vão resolver as eleições de domingo. O que me parece mais importante de assinalar é a forma cívica como a campanha tem decorrido. Não se sujaram monumentos nem paredes, não houve insultos de ordem pessoal, registaram-se apenas algumas pequenas escaramuças sem significado. O único partido que espalhou o ódio e a sanha à sua volta foi o Partido Comunista Português, factor de divisão entre os portugueses e disposto, por qualquer

(Continua na pág. 2)

Editorial

(Continuação da pág. 1)

meio, a destruir a sociedade livre e democrática que queremos construir. Partido anti-nacional, obediente às ordens e aos interesses da União Soviética, seu agente, o PCP deu de novo uma ideia da sua desnacionalização e do seu anti-patriotismo. Mas o eleitorado saberá castigar nas urnas os portugueses tráfugas que têm aderido àquele partido de pura inspiração estrangeira.

A três dias do acto eleitoral há ainda que referir o comportamento desprezível do Presidente da República e da Primeiro-Ministro Maria de Lurdes Pintasilgo. O primeiro não se coibiu de convidar para jantar o dr. Mário Soares, não o fazendo a qualquer dos outros «leaders» envolvidos na campanha nem se coibiu de ir presidir apressadamente à reunião de um moribundo Conselho de Ministros tomando decisões de pura demagogia que custaram a honrada demissão do ministro das Finanças. O Presidente da República e o Primeiro-Ministro da sua confiança, não se eximiram a actos de prestidigitação anti-nacional, em plena campanha eleitoral, com o intuito de alterarem os resultados do sufrágio de domingo próximo. A Primeiro-Ministro ofereceu ao País o espectáculo magoado e triste de umas viagens até junto das populações, deixando de si a ideia lastimável de quem não tem qualquer controlo mental nem qualquer capacidade política. Chamando um Governo de cem dias Maria de Lurdes Pintasilgo liquidou para sempre a sua credibilidade e pôs ponto final no sonho da sua carreira política. Ninguém de bom senso a chamará mais seja para o que for. Foram estes, quanto a mim, os aspectos mais profundamente degradantes da campanha eleitoral que encerra amanhã: o comportamento do Presidente da República e o comportamento do seu Primeiro-Ministro. Ambos escreveram páginas bem tristes da democracia portuguesa do pós-25 de Abril. Em Ramalho Eanes lastima-se mais este facto quanto é certo que em 25 de Novembro de 1975 deu a ideia de possuir determinação e revelou, por vezes, no decorrer do seu mandato, uma certa capacidade de bom senso. Essa imagem foi no entanto liquidada por ele mesmo, ao jantar com um dos concorrentes ao acto eleitoral e ao presidir a um Conselho de Ministros que deontológica e eticamente não devia ter tomado qualquer decisão de fundo.

Depois dos meus encontros com os três «leaders», encaro porém o futuro da democracia portuguesa com optimismo. Encontrei homens serenos, aliás com excelente aspecto físico, seguros dos seus caminhos, sem intenções demagógicas ou apaixonadas, responsabilizados pela alta missão que lhes vai caber a

partir de segunda-feira. No Governo ou na Oposição, cada um deles sabe que lhes pertencerá governar o País nos próximos anos. Não há hoje, além deles, outros «leaders». A democracia foi deixando pelo caminho os incompetentes e os inaptos para já não falar dos corruptos morais que estão mortos para a nossa vida política. Os últimos que falta eliminar têm por seu turno poucos meses de vida. Depois de uma longa travessia que foi proposta ao País pelo dr. Sá Carneiro — é ele, sem dúvida, o grande vencedor do processo democrático que está em curso — a Nação terá conquistado a solidez democrática de que carece. Estamos perante perspectivas dignas e honradas. Tanto Sá Carneiro como Freitas do Amaral disseram-me que não vão alterar a estrutura do Governo se vencerem as eleições. Perante dez meses de Governo até às novas eleições de Outubro (uma consequência da inaptidão de Eanes que não permitiu a revisão da Constituição através do referendo pelo menos nos pontos menos operacionais) a Aliança Democrática não quer correr o risco de reduzir a capacidade de acção dos Ministérios. Talvez desapareça o Ministério da Comunicação Social, passando os jornais do Estado para o domínio do Instituto de Participações do Estado; talvez se crie o Ministério da Integração Europeia e talvez se crie também um Ministério do Turismo.

De resto, a máquina do Estado será aproveitada tal como está. Sá Carneiro disse-me que deixará a vida partidária se for chamado a desempenhar o cargo de Primeiro-Ministro, para dedicar todas as suas horas ao governo da Nação em crise. Freitas do Amaral ocupar-se-á das reformas administrativas e jurídicas de fundo, com vista à apresentação à Assembleia de um conjunto de quinze leis mais urgentes. Serão recrutados para os cargos ministeriais os portugueses mais competentes, mesmo que não sejam militantes dos partidos da Aliança.

O dr. Mário Soares está optimista. Se a Aliança Democrática ganhar, aquele político receia, no entanto, a agitação dos sindicatos e o confronto entre Sá Carneiro e Ramalho Eanes. Para ele, a vitória do Partido Socialista seria condição de estabilidade social no País. Mas o Partido Socialista inspira a uma parte numerosa dos portugueses alguns receios, nomeadamente quanto à sua incapacidade para resolver problemas económicos e financeiros, à sua tentativa hegemónica e à sua atracção pela realização de acordos com o Partido Comunista.

Os portugueses, no domingo, darão resposta à estas inquietações. Através do voto, os portugueses aprenderam já a decidir sobre o seu futuro.

N. R.